

COMO SE FORMAM E SE SUSTENTAM ALGUMAS OPINIÕES POLÍTICAS QUE LEVAM PESSOAS A ACREDITAR EM MORO E A SUSPEITAR DE LULA E DO PT

Nesta última semana, vi no facebook alguns jovens de Novo Horizonte escandalizados com a aprovação da suspeição de Moro no STF. Em poucas palavras, com frases curtas e rápidas, definem tudo: “Negar os crimes de Lula é irracional, tapar os olhos às ilegalidades”. O outro que motivou a discussão, disse que “Agora que os dois lados são contra Moro, ficou fácil julgar”. Vi muitos outros lamentos por Moro e ataques a Lula. Outra frase que tem sido comum entre apoiadores de Bolsonaro é “deixe o homem trabalhar!” – tributo a Getúlio!? Todas essas expressões decorrem de muitas certezas individuais, algumas sinceras, mas a maioria parte do ego ferido de quem acreditou e até se exaltou com a pessoa errada. São raras as pessoas capazes de dar a volta por cima em relação a erros em suas escolhas políticas.

Ter sido fã da Lava-jato durante o período inicial das investigações e das divulgações em massa de cada suposto avanço dela era um posicionamento bem plausível naquele momento. Conheço grandes intelectuais que apoiaram até com certo entusiasmo a lava-jato naquele momento inicial, entre eles, o próprio Greenwald, que hoje é um dos denunciadores de Moro e dos procuradores. Noan Chomsky, intelectual de renome internacional, também fez esse mesmo movimento. No Brasil, a lista seria grande! Alguns, inclusive, não só mudaram de opinião como passaram a se posicionar visceralmente contra Moro e seus procuradores (por exemplo, Reinaldo Azevedo, que nesta quinta-feira, entrevista Lula na Bandnews – boa oportunidade para vermos Reinaldo retomar as acusações que o levaram a cunhar o apelido “Petalha” para os petistas. Ter um cara-a-cara com Lula – isso é muito bom!

Posso dizer que eu também, no momento inicial da lava-jato, botei meu pé atrás com o PT e Lula, contudo quis conhecer melhor o que estava acontecendo. Enfim, ninguém gosta de corrupção a não ser os corruptos, mas as coisas não são tão bem bipartidas como aparentam: de um lado alguns santos, de outro demônios! No circuito dessa polaridade podemos achar muitos desvios e complexidades.

Para se posicionar nesse movediço campo, é preciso investigar, ler, pesquisar e não ter preguiça de acompanhar os fatos e os julgamentos em mídias diversas e não apenas nas mídias “bem posicionadas” que temos no Brasil: Globo, Veja, Isto é, Folha, Estadão, Jovem Pan e os canais evangélicos todos. Sempre bom lembrar que o jornalismo das grandes mídias tem um histórico bem canhestro neste país, que, em boa parte de sua curta história, foi dominado por militares. Nossa ensaboada grande mídia viveu e vive períodos de adaptações tanto a esses ditadores como à capciosa elite econômica brasileira da qual seus proprietários fazem parte. Então, mídia grande...pé atrás, sempre! Somos animados contra a corrupção, mas que animosidade é essa?!

CUIDE DE SUA “ANIMOSIDADE” ENTRANHADA

A primeira constatação é reconhecer um fato histórico: no Brasil (e no mundo) há uma “**animosidade arcaica**” que nos leva a odiar políticos corruptos e a desejar justiça contra eles. Se ela é antiga, histórica, é imprescindível tratá-la como um conceito – um conceito como este

(animosidade) é uma espécie de anteparo entre nossas emoções adesivas e às expressões de nossa percepção dos fatos políticos e da posição das mídias que os veiculam.

Como conceito, um objeto que se pode manipular, já é interessante verificar que ela pode ser apropriada por gente sem escrúpulos. Na história, temos muitos exemplos de manipulação desse afã coletivo – é um objeto político pronto para ser manipulado.

- Ah! O povo está exaltado com a corrupção, mas ainda não consegue nomear os sujeitos dessa corrupção!?

- Então, por que não nomear nossos inimigos pra eles!?

A sede do povo por vingança aflora numa superfície fácil de ser manipulada. Foi assim na constituição do Nazismo, do Fascismo, do Franquismo, do Salarismo e de outros sistemas totalitários. Mesmo em momentos mais revolucionários, seja de direita ou de esquerda, a turba se arremete com ódio, exigindo até mesmo guilhotinas e linchamentos públicos (Revolução Francesa, Revolução Russa e outras).

No Brasil, vários políticos foram entregues como corruptos pela mídia servil: Getúlio, Juscelino, Jango e até mesmo Collor de Melo - aqui faço um adendo, nunca votei nesse cidadão e nunca votarei, mas sustento que sua queda não se deu por corrupção (Bolsonaro acumula dezenas de acusações mais claras do que as que sustentaram a queda de Collor), mas sim por ter perdido a maioria no congresso e atazanado a vida dos investidores e banqueiros com a famosa política econômica de Zélia Cardoso. A própria Globo, que usou de muitas artimanhas para ajudar a eleger esse seu famigerado “Caçador de Marajás”, ajudou depois a insuflar o povo contra ele, usando muito bem essa animosidade popular.

Então, resumindo! Se você quiser conhecer e aprofundar o campo da política e das relações sociais em torno dos poderes (político, econômico, religioso etc.), precisar cuidar dessa “animosidade”, que está incutida em nossa cabeça como dispositivo, muitas vezes de denso ódio. Minha tese pode ser sustentada em Foucault (“A ordem do discurso”), colocamos aqui o conceito de animosidade como discurso, ou seja, algo tecido no tempo e que ganhou cara de normalidade.

O primeiro passo é entender que essa “animosidade”, discurso silencioso, é histórica, tem marcas profundas no tempo, já alimentou guerras, povos contra povos, guerras civis e que são bem usadas e até teorizadas por nazistas e fascistas. Como mostrava o nazista Joseph Goebbels: “Dê-me o controle da mídia que eu farei de qualquer país um rebanho de porcos”. Insuflar alemães contra Judeus, atribuindo a estes as culpas pelos problemas econômicos do país foi até muito fácil; um pouco mais difícil foi fomentar o ódio contra os comunistas, mas também se conseguiu sem grandes problemas – era mais difícil, porque era uma situação paradoxal que o povo não enxergou (ou não quis enxergar?!). Consistiria em perceber um ditador insuflando o povo contra o perigo do comunismo, acusando que este seria um sistema totalitário. Como pode um ditador que interferiu em todos os setores da economia e da produção para sustentar uma guerra paranoica, chamar o outro de totalitário sem ser percebido como ditador?! Parece-me que este é um bom exemplo de manipulação da animosidade das massas.

Bem, mas como cuidar dessa “animosidade”, que todos temos?! Como apontá-la de fato para alvos mais bem definidos e objetivos? Não sou Schopenhauer, mas vou tentar aqui levantar uns pontos pra reflexão.

Em primeiro lugar é preciso dar conta de sua posição e de uma ética possível a partir dela! Sou perverso ou tenho alguma ética?

Qual é minha posição política? Apoio este ou aquele partido, esta ou aquela classe social? Sou de direita, sou de esquerda? Sou racista? Sou regionalista? Sou homofóbico? Então, minha posição política é perversa, maniqueísta ou é suscetível de alguma consideração positiva em relação ao quadro mais geral da Política e da História? Será que não aplico na política o mesmo sentimento que uso nos esportes? Não seriam minhas opiniões oriundas do mesmo centro que nutre meu eterno Corinthians x Palmeiras?

Enfim, a pergunta ética é esta: sei que minha posição política é nutrida por ódio ou por meus interesses de classe, mas quero que ela continue assim?! Essa seria a posição que poderíamos classificar como perversa!? **O perverso é o que diz: está errado, mas eu quero que seja assim!** Vi comentários assim: “pouco importa que Moro e os procuradores fizeram coisas ilegais, o importante é que o molusco apodreça na cadeia!”

Em outras palavras, se nada de ética funciona em você, mas apenas o ódio, então sua opinião não tem como ser levada em conta numa perspectiva mais justa e muito possivelmente você está sendo vítima do controle de sua “animosidade” – lembre-se da frase do nazista Joseph Goebbels, que citei acima.

A burguesia é perversa por definição. A História mostra que para ela não importa quantas pessoas podem morrer numa guerra, numa situação social de miséria, numa pandemia, para ela importam sempre os lucros que podem ter e a rigorosa manutenção das diferenças sociais. Um banqueiro, por exemplo, só levanta a bunda da cadeira – como está acontecendo agora – quando houver perspectiva de queda em seus lucros. O povo, que nasce nesse mundo já pre-configurado, é bem envolvido pelas ideologias burguesas, sustentadas por discursos moralistas e muitas vezes justificadas pelo princípio do “você também pode ser burguês” ou ainda por religiões que refinam essa domesticação.

Se você tem essa mesma perspectiva ou se você é um dos sujeitos das perguntas acima, não há o que discutir. Sua verdade se baseia em sua ganância ou em sua emoção ruim.

Em segundo lugar, averiguar de onde vem suas certezas mais cruciais!

Observar se elas são extraídas de uma ampla rede de reflexões e opiniões, se extrapolam o regionalismo, se incluem especialistas nacionais e internacionais, se têm seus alicerces em alguma ciência social, História, Sociologia, Antropologia e outras. **Se vc perceber que elas são extraídas da mídia dominante de seu país ou da circulação gratuita e das fakes news, cuide-se, pois muito provavelmente sua “animosidade” está sendo parasitada por algum grupo político dominante.** O espectro de Goebbels está na sua alma!

Em terceiro, procure saber mais sobre os casos que são objetos de seu posicionamento ou de suas opiniões.

Uma forma de fazer isso sem depender das mídias regionais e nacionais, é buscar uma apreciação de fora do país. “Prenderam o cara?” Pode ser justo, pode ser injusto (deixe momentaneamente a questão aberta)? O que pensam juristas de fora, que não estão envolvidos no caso? Juristas internacionais que analisaram o processo todo (no caso, o processo de Moro

contra Lula foi estudado e apreciado por muitos juristas internacionais, e há unanimidade em torno da tese de que o petista era um prisioneiro político). Contam também os intelectuais de renome que mudaram de posição - Noan Chomsky, que goza de unanimidade em relação às suas honestas posições, como já disse, no início do processo ficou contra o PT, contra Lula, depois mudou de posição e veio para o Brasil exclusivamente para visitar Lula na cadeia; o mesmo aconteceu com um dos maiores juristas do mundo, o espanhol, Baltazar Garzon.

Tente avaliar também se há jogos de interesses políticos, econômicos e religiosos em relação ao partido ou à pessoa acusada – no caso do PT, que defende uma política de mais autonomia e união dos países da América Latina, pode até ser que os EUA não gostem e apliquem aqui o seu famoso “soft-power”, já que eles contam com aliados militares, burgueses e até com a grande mídia de nosso submisso país. Pra pensar dialeticamente é bom você saber que tudo o que é bom para os EUA, geralmente, não é tão bom para o Brasil e que estamos submetidos à cultura deles durante um século: cinema, música, entretenimentos, imprensa, alimentação de baixo nível do tipo Mac´Donalds etc. – até o Rock e o Blues, que eu tanto adoro, tiveram suas gigantescas contribuições nesse processo de domesticar a gente. Já, no território brasileiro, quais seriam os jogos de interesse? O tal neoliberalismo não seria um polo? Por que seriam tão contra Lula e o PT?

Enfim, dar uma revirada na história do caso ajuda a ter clareza, mas em geral as pessoas não fazem isso, preferem emitir opiniões curtas, rápidas e sem fundamentos, como faz uma parte da mídia e, muitas vezes, parte da classe média, que simplesmente as repetem.

Em quarto lugar, preste atenção na vida e na carreira dos que brandem seus gládios contra a corrupção

Historicamente, políticos muito corruptos costumam acusar outros de corrupção, por exemplo, Steve Bannon, mentor intelectual da família Bolsonaro e do próprio Olavo de Carvalho, tem esta estratégica sempre pronta – herdada de Goebbels - e recomendou-a aos Bolsonaros: se você for cometer um gesto polêmico, por exemplo, fraudar uma eleição ou mesmo envolver-se num grande esquema de corrupção, adiante-se e acuse seus opositores de corruptos, de fraudar as eleições. Cunha, Aécio, Serra, Roberto Jefferson, Collor de Mello (aliás, este começou se dizendo caçador de Marajás, epíteto que a Globo fez questão de divulgar, criou até uma novela para isso, “Que rei sou eu?”), os Bolsonaros, Dória, Witzel, Crivela etc. pra esconder suas corrupções, acusam seus opositores de corruptos – aliás, fazem suas campanhas políticas baseadas no combate à corrupção! São grandes manipuladores da animosidade popular.

Outro dia vi um post de um novorizontino, que mostrava um discurso indignado de Roberto Jefferson contra a corrupção no país – mal sabia ele que este político e sua filha são grandes corruptos do centrão, mas eu acho que o rapaz que postou, não sabia disso. Talvez tenha acreditado que o Jefferson fosse mais um paladino contra a corrupção!

Então, todo mundo que abre a boca sobre corrupção, tem que ser analisado, pois há grandes chances de eles estarem apenas propondo bodes expiatórios pra facilitar e esconder as suas ações corruptas. A gente já foi tão vítima disso! A eleição de Bolsonaro, de seus três filhos e de boa parte dos deputados do PSL, do Novo, do Patriotas etc. dizem por si. Quanto sofrimento para o país! Muita gente votou nos Bolsonaros e nesses deputados e senadores bem intencionalmente, muitos perceberam o erro e deixaram de apoiá-los, mas ainda há os que não mudam de posição, talvez pelo tamanho da vergonha – enroscam-se num narcisismo infantil.

Claro que reconheço como de suma importância contarmos com políticos, jornalistas e cidadãos preocupados com a corrupção, mas como somos muito suscetíveis a este discurso, precisamos investigar sempre. Triste entregar nossa “animosidade” nas mãos de um malaco qualquer!

Em quinto: Os militares podem dar um jeito na corrupção!

Se você acredita nisso e até por isso mesmo achou legal votar em Bolsonaro para trazer os militares para o governo, precisa estudar um pouco mais de História. Saber que boa parte da herança corrupta das grandes empreiteiras brasileiras se formou nos períodos da ditadura militar. Apesar das dificuldades de investigar durante os anos de chumbo, já que procuradores, jornalistas, deputados, senadores e mesmo os cidadãos em geral estavam sob severa vigilância e muitos foram mortos por terem feito investigação, a corrupção grassou solta durante o período militar. A lista de escândalos era enorme e nunca ninguém foi condenado, sequer foram julgados – a impunidade usa farda e se diz nacionalista! As empreiteiras ficaram bilionárias com as grandes obras: Itaipu, Transamazônica, Usinas de Angra dos Reis e tantas outras. Sobre o assunto, acompanhe as pesquisas de Pedro Henrique Campos, professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro – aqui, [neste link](#), ele dá uma entrevista para o colunista da UOL, Chico Alves.

A ideia de que alguém forte, másculo, com poderes de fogo (militares), que não gosta de homossexuais, que se diz capaz de mandar fortemente e de controlar todos os poderes (ditadura), parece proceder de uma reedição da autoridade paterna. A pessoa vê o governo como se fosse uma família, uma casa, em que um pai severo vem e põe ordem. Talvez, essa seja uma das ideias mais primitiva da política, um resquício de nossa herança de povos guerreiros ou dos filmes fascistoides que a Globo e as TVs ruins abordam em horário nobre, “Duro de matar”, “Rambo”, “Comando para matar”, além daqueles faroeste em que o mocinho vem de fora e impõe a lei no vilarejo enquanto o xerife dorme recostado em sua cadeira, ou seja, a herança americana dos faroestes e filmes classe B e C. Tudo isso ajudou a formar a mentalidade do adventício (pessoa que aparentemente chega de fora), que se diz “não ser político” (há vários que sempre reaparecem como se fossem de fora da política – tem até partido para os mais ingênuos (“Partido Novo” – pode ter maior ingenuidade do que acreditar nisso?), mas que prometem dar um jeito na bagunça, graças à sua aparência rude, descortês, tentando fazer crer que diz o que pensa e está pronto para enfrentar a corrupção e as arruaças que ocorrem nos governos.

É preciso entender uma coisa de uma vez para sempre: governar é uma complexidade outra, necessita de POLITICOS hábeis, capazes de costurar alianças (sem se sujar – isso o PT precisa usar sua experiência para evitar), de projetar uma boa imagem nacional e internacionalmente, nomear gente capaz, respeitar o conhecimento como o grande legado da humanidade, ter temperança, ser justo sobretudo no combate à miséria e na ampliação de direitos a trabalhadores e na regulação das diferenças que existem na sociedade brasileira - qualidades estas que estão bem distantes de Bolsonaro, de Dória, de Witzel e de outros justiceiros.

É bem triste essa herança! Tem nos trazido os piores governos, Collor e Bolsonaro são os mais nítidos exemplos, além de Dória (não era político, se dizia empresário de sucesso), Witzel (era juiz e justiceiro) e vão por aí afora.

Tentarei mostrar a seguir como construí minha opinião sobre os julgamentos de Lula e a Suspeição de Moro.

Para a minha formação seria difícil descartar o PT do quadro político brasileiro. Por quê? Ora, o Brasil nunca conseguiu sedimentar muito bem seu quadro político. Os partidos aparecem, se sujam, trocam de nomes, fundem-se aqui e ali e ressurgem mantendo os mesmos nomes, as mesmas práticas e até mesmo abrigando as mesmas famílias (Sarneys, Magalhães, Neves, Barbalhos etc.).

O PT, na história do Brasil, é inigualável quando se consultam as bases das formações partidárias. O Partido dos Trabalhadores tem uma história autêntica, surge de confluências de várias frentes de luta, mas sua essência é a luta dos trabalhadores. Não se trata de um partido trabalhista, no qual alguns políticos dizem defender os trabalhadores (como PTB, PDT e outros), ao contrário, o PT teve em sua base (diminuiu bem, mas ainda tem) a emergência de movimentos sindicais (metalúrgicos, bancários, professores, petroleiros e outros). Seu maior líder, Lula, era um operário e isso de alguma maneira encanta a crítica mundial, como o Solidariedade Polonês nos encantou sob a liderança de Lech Valesa (o líder de Gdansk). A emergência do PT na política resultou da coesão desses movimentos, dos compromissos de cada filiado, de cada político eleito, com a própria estrutura e estatuto do partido. Seus governos, Lula e Dilma, tentaram beneficiar a classe trabalhadora, acabar com fome e a miséria, ampliaram bastante as universidades e o acesso a elas sobretudo para jovens que não tinham condições de estudar, tentaram bons programas de moradia, além de contar com um imenso reconhecimento internacional, sobretudo a figura de Lula. Bom lembrar que Lula deixou seu segundo mandato com 83% de aprovação (o IBOP não é petista!) e que Dilma terminou o primeiro mandato com 59% de aprovação (percentual maior do que o de Lula no término de seu primeiro mandato).

Descartar o PT seria descartar o único partido brasileiro formado nas quatro últimas décadas que procurou manter alguma coesão partidária de compartilhamento de responsabilidades. Não sei se vocês notam, mas quando a grande mídia noticia alguma falha de políticos do PT, fazem questão de reforçar a pertença do político ao partido. Quando é um político do centrão, corrupto contumaz, a mídia NÃO faz a menor questão de acentuar a pertença do corrupto a este ou aquele partido, a culpa fica no indivíduo.

Notem também que os nomes de diretores da Petrobrás que foram condenados pela Lava-jato foram indicados e apadrinhados por partidos desse núcleo de apoio ao PT, foram indicados pelo PMDB (Jorge Zelada, Nestor Cerveró) e PP (Paulo Roberto Costa, que era funcionário de carreira) e o grande articulador do escândalo era o deputado José Janene (PP), mas a mídia fez questão de apontar apenas o PT como culpado a tal ponto de esses partidos e políticos ligados a essas indicações continuarem muito bem em suas reeleições.

Se levarmos em conta que cada indicação para as estatais e até para os ministérios resulta dessa negociação complicada e praticamente inevitável entre o partido eleito e uma gama de partidos de aluguel, que historicamente se organizou como “centrão” – ou seja, um contrapeso que se posiciona de acordo com seus interesses, poderão ter uma visão mais dialética da coisa.

Contrapeso, grupo em geral compostos por políticos desonestos e oportunistas, mas perfeitamente legais, **postos no Congresso pelo povo**. Vejam agora como eles estão entrando pesadamente no governo Bolsonaro, aproveitando-se da inépcia desse “paladino da corrupção”, que vem perdendo boa parte o seu apoio. Honesto seria o centrão votar o impeachment do presidente e não forjar um apoio para obter cargos, certo? Mas é o “centrão”, fruto do povo, **brasileiríssimo como as camisetas amarelas da seleção brasileira! Falando nisso, procure se lembrar em quem votou para deputado. Confira a atuação dele! Tem certeza de que não pertence ao centrão?**

Na época dessas coalizações feitas pelo PT, eu me indagava: será que Lula e Dilma gostavam dessa gente? Queriam essa gente no poder junto com eles sabendo que eles são verdadeiros “pau-de-galinheiro”? Dilma, como radical que era (como a burguesia a nomeia) iria topiar um Temer como vice? Então por que aceitaram?

Volte no tempo, releia a carta aos brasileiros (fui totalmente contra a carta, mas na verdade era ingênuo na época!) e veja as alianças feitas para as eleições de 2003. O PT já havia tentado várias eleições, desde Collor (quando foi derrotada pela Globo e pela burguesia brasileira) à última com Fernando Henrique Cardoso, que tinha um belíssimo centrão ao seu lado (hoje, boa parte está no DEM, que é considerado o partido mais corrupto do Brasil). Então, não havia dúvidas, se o PT quisesse chegar de fato ao poder, teria que conquistar parte desse centrão e lidar com ele. É essa experiência que precisa ser retomada, pois eles estão lá, são frutos da democracia e são inevitáveis, podem derrubar qualquer governo que não os queira.

Claro que boa parte deles já foram processados e alguns até presos, mas para chegar no presidente Lula era preciso apagar um pouco o PMDB, o PP e outros envolvidos. A Lava-jato procurou muito provas concretas sobre o envolvimento de Lula, desde a indicação desses nomes para as diretorias da Petrobrás até possíveis gravações ou documentos que revelassem os superfaturamentos como ordens de Lula. Não acharam nada! Nem um mísero bilhete! Nem um telefonema! Nem uma gravação clandestina (elas existem contra Aécio, Temer, Cunha, Roberto Jefferson e outros), mas nada encontraram. Deltan Dallagnol e os procuradores diante desse total falta de provas caíram no ridículo de tentar denunciar Lula por peculato, afirmando que ele teria roubado uma escultura de Cristo, que havia no palácio, cujo valor seria grande, pois se imagem que se tratava de uma obra de Aleijadinho. Por fim, a coisa mixou, descobriram que a obra não era de Aleijadinho e que seu proprietário era o próprio Lula. Bem, então, por onde pegar?

Delações premiadas! Claro que se você prometer a uma pessoa que está condenada a quinze, vinte anos de prisão para que denunciem alguém em troca de liberdade, esta vai sempre topiar, mas como isso seria pouco, então tentaram investigar propriedades outras em nome de Lula. Investiram pesado no Triplex – além de uma reportagem capciosa da Veja, o que era o triplex? Você sabe? Conhece bem essa história tão mal contada pela grande imprensa?

Vamos fazer um resuminho: Marisa e Lula compraram um apartamento simples da cooperativa fundada pelos sindicatos dos Bancários, a BANCOOP, que se lançou ao desafio de construir moradias com preços mais baixos para bancários e para a população em geral. O negócio cresceu bastante (alguns amigos meus compraram seus apartamentos dessa cooperativa), mesmo assim ela faliu. O apartamento comprado por Marisa não podia ser entregue, pois a obra ficou parada (como muitas outras). A construtora OAS comprou a massa falida da cooperativa e ativou seus mutuários para continuar com a construção e com o financiamento. Como o casal era um dos mutuários, a construtora propôs uma junção de apartamentos pra Lula e Marisa. Eles foram ver

várias vezes o apartamento, mas decidiram não o comprar, tanto é que a posse nunca se deu. Recentemente, o Tribunal de Justiça de SP ordenou a OAS e a Cooperativa que devolvam as mensalidades pagas por Marisa, ou seja, esta é uma prova cabal de que o apartamento nunca pertenceu de fato a Lula e nem a Marisa. Aliás, o apartamento foi vendido. Que juiz prenderia alguém por um apartamento sem nenhum documento que comprove a posse e muito menos a relação da “oferta” da OAS com superfaturamentos na Petrobrás? É uma pergunta que todos deveriam fazer, mas a “animosidade” manipulada cega as pessoas! Querem Lula preso e o fim do PT sem ter conhecimentos mais aprofundados sobre o caso.

Moro julgou uma suposta intenção de Lula e Marisa de ficar com o apartamento em troca de favorecimentos à construtora, mas nada disso foi provado, só sustentado por suspeitas delações premiadas de vários bandidos. É interessante assistir o interrogatório de Lula feito por Moro, pois o juiz de Curitiba chega a ser ridículo ao insistir na pergunta se Lula era mesmo dono do apartamento. Lula retruca perguntando se o “Doutor” tinha algum documento com “a minha assinatura”, alguma prova sobre essa afirmação. Moro é obrigado a dizer que não tem. A coisa se encerraria ali não fosse a “boa vontade” do Juiz que almejava ser presidente da república usando o ódio contra Lula.

- Bem, mas o Lula foi julgado em três instâncias e foi condenado nas três!? Seria, por acaso, uma armação entre as três instâncias?

Então, talvez esse seja o ponto que mais suscite perguntas! Qual é o histórico do judiciário brasileiro, sobretudo do STF e do tribunal superior de justiça, STJ? Qual é a herança histórica que representam? Como se comportaram durante a ditadura? Fizeram grandes esforços para retomarmos a democracia após a ditadura ou preferiram acumular privilégios? Não sei se vocês sabiam, mas como boa parte de nossos políticos, a maioria dos togados não é respeitada no exterior, são considerados “marajás”, “privilegiados”, “elitistas” e até preconceituosos. Atualmente, juízes e promotores têm sido pego em flagrantes que impressionam, que via de “carteiradas” a julgamentos machistas e classistas. Façamos aqui um aparte: uma coisa é ser contra os privilégios e arbitrariedades de juízes das altas instâncias, outra coisa é ser ditador e querer o fechamento do judiciário. A primeira coisa é ser democrata, a segunda é ser fascista!

Alguns nomes que lideraram na apreciação do processo de Lula, fazendo todo o esforço possível para contemplar os interesses de Moro, são bem claros: Felix Fischer, Fachin, Fux, Barroso e os três da segunda turma de Porto Alegre, Paulsen, Flores e Gebran – amigos de Moro, que estavam na expectativa da chegada do processo para confirmar a condenação de Moro. Gabriela Hardt, outra juíza amiga de Moro, também de Curitiba, ocupou-se do processo do sítio da forma mais desastrada possível, chegou a fazer o famoso copy-paste da sentença de Moro. Quando foi surpreendida e denunciada, alegou que fez isso por falta de tempo (julgar rapidamente um ex-presidente da república que sai de seu governo com 83% de aprovação? Como assim, falta de tempo?). Sobre estes juízes, escrevi um texto chamado [“Lula, nós e os togados”](#), (está publicado no site do GOLE, é só seguir o link) – acho que basta sobre o assunto.

Para mim, Moro e o grupo de procuradores de Curitiba, a tal república de Curitiba, são suspeitos desde a fase inicial do processo quando trabalhavam em conúbio com a grande mídia, com a Globo, Veja e outros. No julgamento de Lula por Moro, primeira instância, Lula questiona Moro sobre o fato de o caso do apartamento ter se baseado em uma reportagem da Veja. E isso ficou bem claro, atualmente sabemos que Globo, Folha, Veja subsidiaram os procuradores, deram assessoria a eles. A Globo chegou a oferecer o Faustão para que eles aprendessem a lidar com as mídias e propagar bem o caso antes da condenação. Só para se ter uma ideia desse conúbio,

quando Moro resolve prender Lula em sua casa de madrugada (condução coercitiva) para levá-lo a um interrogatório no aeroporto de Congonhas, a imprensa toda sabia das coisas antes da defesa e do próprio Lula. Ao chegar no aeroporto, a imprensa já lá estava instalada, pronta para fotografar e filmar o “ato heroico” de Moro. Outro fato interessante é que Moro chegou a ser repreendido pelo STF quando grampeou o telefone da presidenta Dilma para ouvir conversas entre ela e Lula. Moro publicou nos jornais e levou para o processo apenas as partes da escuta que lhe interessava, ocultando todo o resto. Outro elemento suspeito criado pelos próprios procuradores, o tal powerpoint de Dallagnol, que correu o mundo como farsa grotesca e risível, ainda assim eles continuaram se apoiando na frase “não temos provas, mas temos convicção” - ora, procuradores, promotores, investigadores devem apresentar provas concretas e não convicções. Mais dois fatos que surpreenderam, a prisão de Lula antes do registro de sua candidatura à presidência (segundo às pesquisas, Lula ganharia as eleições); depois a nomeação de Moro como ministro da justiça do Governo Bolsonaro – como Bolsonaro não sabe guardar segredo, acabou revelando a trama num agradecimento público a Moro, dizendo que sem Moro ele, Bolsonaro, não teria chegado à presidência. De fato, foi um favorzão prender Lula. Para o mundo isso foi um escândalo! Bolsonaro é um presente da lava-jato e das grandes mídias ao povo brasileiro! Agora, estão todos arrependidos, mesmo sabendo que um ovo de serpente já diz por si o que vai para o mundo.

Quando surgiram as revelações da vaza-jato, tudo o que para nós era suspeita, ganhou total concretude.

- Ah, mas são mensagens que podem ter sido adulteradas pelo Hacker!

De fato, como disse Gilmar Mendes, o Hacker ou qualquer outro que fosse teria que conhecer muito os procuradores, os bastidores, a ramificação toda das conversas para adulterar qualquer coisa, mantendo o estilo de cada um. Além do mais tem gravações – vocês sabem que a voz humana é como impressão digital, então, é só comprovar e pronto. Suspeito de alguns membros do STF que não aceitam as mensagens hackeadas, por exemplo, Fachin, Fux, Fischer, Barroso – todos são citados e possuem comprovadas as suas inclinações nada imparciais.

Bem, por estas e por outras que não pude abordar aqui, ainda continuo apostando no PT e em Lula. Votarei nele nas próximas eleições, mas sei que o PT e Lula precisam passar por muitas críticas. A primeira coisa a fazer é criar um mecanismo amplo de combate à corrupção e sobretudo de enfrentar as empreiteiras e a tradição que elas herdaram da Ditadura Militar, que é o superfaturamento (que aliás, ocorre em todo o Brasil, em níveis nacional, estadual e municipal). Odebrecht e OAS atravessam mares e oceanos em corrupção e seus executivos com dezenas de anos de experiências em corrupção estão soltos e prontos para as próximas. As delações premiadíssimas feitas para pegar Lula deixaram os verdadeiros criminosos de volta à grande festa da corrupção.

Gostaria de sugerir aos amigos que conseguiram chegar até aqui que leiam uma boa crítica ao PT, o livro “A mosca azul” de Frei Beto. Concordo com todas as críticas ali postas, aliás são as mesmas que eu sempre fiz. Frei Beto, como muitos intelectuais, têm críticas bem estruturadas contra o PT, mas nas próximas eleições, com certeza votará no PT. É mais ou menos o meu caminho. Quero que essa experiência acumulada pelo PT, a perda de sua ingenuidade, seja reaproveitada no Brasil. O “novo”, o “adventício” não me dizem muito, o que diz é a experiência acumulada do quadro partidário brasileiro. O verdadeiro novo, quando surgir, nascerá de uma grande experiência e não de empresários que dizem não ser políticos (Dória, Zemas, Amoedo, Huck etc.) e bravateiros (Bolsonaro, Moro, Mandeta, Ciro etc.).

